

A decorative border consisting of repeating floral motifs, likely grapevines with clusters of grapes, surrounds the central text. The border is rendered in a light, sketchy style.

အိမ်ထောင်ရေးနှင့် အိမ်ထောင်ရေး

Violeta Cunha do Couto

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

KARDEC E GABI

Violeta Cunha do Couto

***“NASCER,
MORRER,
RENASCER AINDA
E
PROGREDIR SEM
CESSAR,
TAL É A LEI”.***

ÍNDICE GERAL DE TEXTO E ILUSTRAÇÕES

Prefácio

Preliminares

Primeira Parte

Nascimento. Progenitores

Vocação de Rivail

Como foi a formação escolar de Rivail

O que era a Escola de Yverdon

Rivail aluno-mestre

Quantos anos de experiência pedagógica teve Rivail?

Ilustração: Rivail aos 25 anos

Serviço militar

Seu primeiro livro

Método Pestalozzi

Fazer suceder a intuição pela abstração

Rivail e o Magnetismo

O estudante – 1818-1824

O pedagogo – 1824-1848

Quando se deu o casamento

Rivail como tradutor

Rivail e a esposa trabalhando juntos

O amigo dos alunos

Primeiros passos como diretor de escola

O que estava nos planos de Rivail?

Após o fracasso do Instituto

Rivail era dedicado *institutor*

Por volta de 1852 ou 53 - decadência visual

Vasta erudição polimática

Rivail e o Teatro

Mesas girantes

Dramaturgo e médium

Carreira magistral

Fim da primeira parte

Segunda Parte

Ilustração: O advento do Espírito de Verdade

Segunda fase

Educação e instrução

O homem humanista

Allan Kardec em sua época

Mesas “girantes e falantes”

Rivail na visão de Anna Blackwell

Rivail como racionalista e estudioso

Primeira experiência

Uma terça-feira de maio de 1855

Uma nova lei

A família Baudin

Ilustração: cesta-de-bico

Qual era o sistema usado?

O romancista e ator dramático

Quais foram as conclusões

A missão de Rivail

A revelação do Espírito de Verdade

O Espírito de Verdade lhe responde

A prece de Rivail

Ilustração: o Consolador prometido

Responsabilidade de missionário

Contam os biógrafos que...

Deolindo Amorim comenta

Assim foi nascendo uma obra

Amparado e auxiliado pelos Espíritos

Assistido pelo Espírito de Verdade

18 de abril de 1857

Por que Allan Kardec?

Ilustração: Allan Kardec idoso

Após dezoito anos

O fotógrafo Buguet-médium e Firman: O “*Procès des Spirites*”

Protesto da viúva Rivail

Encontro com o Espírito de Verdade

Allan Kardec, médium inspirado

Mais esta declaração de um Espírito

Ajuda contínua

Terceira Parte

Terceira fase

Ação constante dos Espíritos

Séjur, 09 de agosto de 1868

Há duas partes no Espiritismo

Em casa do Sr. Roustan

Propagação da verdade

Considerações

Sua tarefa na Codificação não foi fácil, como parece

Aprendizado completo

1858

Reuniões em casa de Kardec

Premonições de Kardec

Viagens espíritas

Auto-de-fé em Barcelona – 09 de outubro de 1861

Estou recordando esse fato para ressaltar a lição

A volta de Kardec

Publicações de Kardec

Novo diálogo com o Espírito de Verdade

Sucessor de Kardec

O primeiro período

Mas ele também sabia chorar

A desencarnação

Uma estranha coincidência

Comunicações de Kardec, instruções

Ilustração: dólmen de Allan Kardec

O dólmen de Kardec

Descrição do monumento druídico

Lembretes

Quarta Parte

Ilustração: Amélie-Gabrielle Boudet

Falemos um pouco sobre a viúva de Rivail

Homenagens

Notas

Bibliografia

PREFÁCIO

Violeta Cunha do Couto nasceu nesta encarnação para ser médium. Todavia, ao lado do seu trabalho nas reuniões mediúnicas, procurando orientar os Espíritos desarvorados, bem como no atendimento fraterno aos encarnados em desalinho, sobretudo, moral, muito realizou como cantora e compositora de obras da Arte Espírita, ao lado do seu saudoso companheiro Mozart Cataldi do Couto, desencarnado há alguns anos.

Mas não restringiu sua contribuição à Doutrina Espírita a essas atividades, que ela sempre desempenhou com grande dedicação, querendo demonstrar seu Amor a Deus, a Jesus e às criaturas humanas, que ela considera e trata como irmãos e irmãs de verdade.

Seu presente estudo sobre Allan Kardec tomou-lhe nada menos que cinco meses de pesquisa aprofundada e esforço hercúleo, com a finalidade de informar aos confrades e confreiras espíritas e aos estudiosos e interessados em geral sobre quem foi aquele que, depois de um trabalho emérito na área pedagógica - que, infelizmente, até hoje não foi devidamente reconhecido e, sobretudo, adotado como modelo para as escolas atuais, vítimas, sobretudo, de desamor de muitos que ainda não aprenderam que a única Pedagogia verdadeira é a do Amor – passou a cumprir a missão que trouxe, com a finalidade de corporificar no mundo terreno o Consolador prometido por Jesus, o Sublime Governador da Terra.

Alguém pode alegar que muito já se falou sobre a biografia e a obra de Kardec, considerando desnecessário mais um compêndio a esse respeito. Todavia, se é verdade que vários historiadores espíritas já se debruçaram sobre esses

temas, nunca alguém conseguiria abarcar, em toda a extensão e profundidade, a personalidade e a missão desse discípulo de Jesus.

A maneira “mineira” de Violeta escrever, economizando palavras, que ela, na sua sabedoria e maturidade espiritual, considera dever ser empregadas com parcimônia e como meros temas para reflexões, em desdobramentos que somente o pensamento comporta, pois que “a letra mata e o espírito vivifica”, mostra bem que este livro deve ser refletido e não lido precipitada e impensadamente. Não se trata de um romance, mas de um livro de estudo, para ser digerido mansamente, pensado em cada item, relido muitas vezes, tal como suas interpretações musicais de poucos minutos de duração são o resultado de uma vida inteira de aperfeiçoamento, a fim de que cada nota musical seja perfeita para agradar o ouvido, mas, sobretudo, tocar a alma e despertá-la para Jesus.

Quem tiver o privilégio de ler este livro, pedimos, saiba valorizar cada trecho como os mineiros apreciam as palavras e o silêncio, cheios ambos de muita filosofia e profundidade. Por isso mesmo há em Minas Gerais tantos médiuns, porque a mediunidade é fruto da reflexão da alma encarnada em contato com os amigos desencarnados, numa comunhão que ninguém enxerga com os olhos materiais, mas que existe na realidade verdadeira, que é o mundo mental.

Aconselhamos a leitura deste livro com a noção de que uma médium é quem o assina, como autora da pesquisa, sendo, portanto, não uma obra de historiadora, mas de muita inspiração, silêncios, vidência, pensamentos e muito mais do que podemos imaginar, mas que deverá, na certa, significar que, quando se propôs a escrever sobre Kardec, já tinha dentro do seu acervo de muitas recordações e sentimentos, um elo de compromisso com o próprio missionário do Cristo.

Quem ler com “olhos de ver” estará em condições de também entrar em contato com o grande Escolhido de Jesus, pois, mais importante do que saber detalhes da sua vida, é passar a sintonizar com ele, sendo este livro um meio para tanto.

Quanto à atuação decisiva e imprescindível de Amélie-Gabrielle Boudet, a Gabi, os queridos leitores terão a oportunidade de começar a compreender de quem se trata, mas, igualmente, terão de ter “olhos de ver” para tanto.

Que Jesus abençoe a autora e os leitores!

Juiz de Fora, 21 de outubro de 2012.

seus amigos espirituais

PRELIMINARES

Esta pesquisa biográfica tem por finalidade trazer para os irmãos espíritas alguns tópicos importantes da vida de Allan Kardec e Amélie Boudet: sim, alguns, porque sua vida foi totalmente importante. Mas procuramos destacar os que nos parecem dignos de maior atenção para o estudo que nos dispusemos a fazer.

E qual é o nosso maior objetivo? Qual seria nosso maior ponto de interesse? - Nosso objetivo principal, de maior proveito é conhecer Kardec e Gabi.

Falemos primeiro nele: seu nome civil: Hippolyte-Léon Denizard Rivail.

Primeiro vamos falar do pedagogo: professor emérito, dedicou sua juventude e parte de sua existência cultivando os bens morais, aprimorando suas qualidades no estudo, renovando ideias para melhores condições do Ensino e aprendizagem. Sua vida foi sempre um exemplo contante de fé, renúncia e abnegação, sacrifício e altruísmo. Dedicou toda sua carreira pedagógica em benefício das crianças e jovens da França.

Na visão do biógrafo Deolindo Amorim:

“Allan Kardec era detentor de uma cultura humanista muito bem organizada.”

“Não podia deixar de ser um espírito universalista, com evidentes claridades para compreender as manifestações da vida.”

Era humanista pelo vasto conhecimento linguístico, filosófico, histórico, científico, enfim, pelo interesse que sempre demonstrou pelo ser humano.

Possuidor de vastos conhecimentos no campo da Geografia, História, Geologia, Física, Química, Astronomia, Astrologia, Ciências Exatas, Anatomia Comparada e, acima de tudo, era um ser humano, sujeito às mesmas vicissitudes, erros e acertos. Mas seu valor não está apenas na instrução adquirida.

A cultura não bastaria para torná-lo “missionário”. Era preciso espírito de renúncia e sacrifício, honestidade, humildade e paciência, sustentados na fé. Tudo isto era necessário para que se cumprisse uma “missão” e Allan Kardec, esse homem culto, de grandes conhecimentos, possuía todos os requisitos morais de um verdadeiro cristão. São condições essenciais para sustentar uma obra como essa; em caso contrário, a missão teria falhado.

PRIMEIRA PARTE

NASCIMENTO. PROGENITORES.

Para falar de Allan Kardec, preciso é que se fale de Hippolyte-Léon Denizard Rivail. Nasceu na cidade de Lyon (França), às 19:00 h do dia 3 de outubro de 1804.

Descendente da antiga família lionesa católica, de nobres e dignas tradições. Foram seus pais: Jean-Baptiste-Antoine Rivail, homem de lei, juiz, e Jeanne-Louise Duhamel, residentes na Rua Sala, 76.

A mãe de Rivail era mulher bela, prendada, elegante e afável, a quem o filho devotava profundo afeto.

Rivail foi batizado na Paróquia de Saint-Denis, em Bresse, aos 15 de junho de 1805.

A maioria de seus antepassados distinguiu-se na advocacia, na magistratura e até mesmo no trato dos problemas educacionais.

VOCAÇÃO DE RIVAIL

Desde criança, era compenetrado dos seus deveres e responsabilidades, revelando também sua inclinação para as Ciências e assuntos filosóficos.

COMO FOI A FORMAÇÃO ESCOLAR DE RIVAIL?

Seus primeiros estudos foram realizados em Lyon, sua cidade natal, sendo educado nos severos princípios de honradez e retidão moral.

Em 1814 contava Rivail dez anos de idade. Foi então que seus pais o levaram para Yverdom (Suíça).

Nos anos de 1814-1815, a situação política e militar viviam momentos de grandes conflitos. Talvez tenha sido esse um dos motivos por que seus pais o deixaram partir. Por outro lado, estavam cientes da fama do estabelecimento escolar de Yverdon. Queriam eles que Rivail aprimorasse seus estudos.

O QUE ERA A ESCOLA DE YVERDON

O Instituto de Educação foi instalado naquela cidade pelo professor-filantropo João Henrique Pestalozzi.

Justamente no ano em que nasceu Rivail, Pestalozzi também estabelecia em Yverdon o seu Instituto, que, por sua vez, era frequentado todos os anos por grande número de estrangeiros. Era a escola-modelo da Europa.

Diz André Moreil:

“Ali viveu Rivail, num pequeno universo humano, que o marcou para sempre”.

RIVAIL ALUNO-MESTRE

Em 1817 o Instituto Pestalozzi sofreu uma queda muito grande com a saída de vários professores. Pestalozzi então pôs em prática um sistema que sabia dar bons resultados: colocar os alunos mais adiantados para lecionar aos pequenos e mais atrasados. Eram assim chamados “alunos-mestres”. Rivail contava seus 14 anos já em 1818 quando viveu essa experiência no Instituto de Yverdon.

Foi uma experiência muito válida para ele, pois muito influenciou e contribuiu, mais tarde em Paris, na sua vida na área da Pedagogia, tanto como professor como em suas obras didáticas.

QUANTOS ANOS DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA TEVE RIVAIL?

Desde 1819, antes dos quinze anos de idade, Rivail deu início às suas experiências pedagógicas. Em seu “Memorial”, de 1831, declara possuir, então, doze anos de vida pedagógica.

O Instituto Pestalozzi admitia alunos do mundo inteiro, de todas as raças, línguas, crenças e civilizações. Recebia crianças vindas da França, como Rivail, dos cantões suíços, da Alemanha, Itália, Espanha etc.

Rivail tinha boa cultura humanista. Interessava-se pelas “Humanidades”, como pelas “Ciências”, entre estas a Física, a Química e a Geologia. Tornou-se também bacharel em Ciências e Letras.



**Rivail aos 25 anos
(Mozart Cunha do Couto)**

SERVIÇO MILITAR

Aos vinte anos de idade, Rivail passou a exercer o magistério, assim que chegou em Paris. Nas horas vagas traduzia obras inglesas e alemãs e preparava o seu primeiro livro didático.

No dia 1º de fevereiro de 1823 foi relacionado na Bibliografia da França o trabalho de sua autoria intitulado “Curso Prático e Teórico de Aritmética segundo o método de Pestalozzi”. Mas o professor Rivail não parou por aí: durante seus trinta anos de vida pedagógica, escreveu mais de vinte obras.

MÉTODO PESTALOZZI

É evidente que Rivail sempre pôs em prática o método usado por Pestalozzi. Às vezes, fazia modificações, mas nunca alterando o fundo. Este grande mestre foi para Rivail como um pai digno de admiração, que o preparou espiritual e moralmente com seus exemplos dignos de nota. Assim procedendo, este método serviu de guia para os primeiros anos do pedagogo Rivail.

“FAZER SUCEDER A INTUIÇÃO PELA ABSTRAÇÃO”

O que Rivail escreveu em 1824 era ainda válido em 1854, quando conheceu os fenômenos espíritos.

De fato, o professor, analisando os fenômenos espíritos, teve o cuidado de partir da intuição e do fato concreto, antes de estabelecer a teoria do mundo abstrato (invisível), segundo Moreil.

RIVAIL E O MAGNETISMO

Rivail teve sua iniciação nesse novo ramo do Conhecimentos humano em 1823, segundo ele próprio o afirmou na “*Revue Spirite*”, em 1858. Dedicaria parte de seu

tempo a esses estudos, mas sem prejuízo das suas tarefas educacionais. (O Magnetismo Animal é também conhecido como Mesmerismo, porque seu divulgador foi o Doutor Franz Anton Mesmer).

O ESTUDANTE: 1818-1824

Diz Moreil:

“É certo que o jovem Rivail tinha boa cultura humanística e grande desejo de aprender. Interessava-se pelas ‘humanidades’, como pelas ‘ciências’, entre estas a física, a química e a geologia, a biologia também com certeza”.

Mas isto não autoriza a dizer que estudou Medicina e defendeu tese, como afirma o biólogo Henri Sausse.

Apenas uma vez, ao tratar do Magnetismo Animal, Rivail declarou que o estudo da Medicina o interessara, trinta anos antes, o que corresponde ao seu período estudantil.

O PEDAGOGO: 1824-1848

Em meados de 1825 Rivail fundou e dirigiu a “Escola de Primeiro Grau”, primeiro estabelecimento de ensino por ele fundado em Paris.

Nessa etapa de sua vida parece que o professor Rivail encontrou a sua vocação, pois se empenhou a fundo, não poupando esforços ou conselhos. Publicou numerosos livros didáticos, apresentou planos, métodos e projetos referentes à eterna reforma do ensino francês, desenvolveu tal atividade que não lhe sobrava tempo para levar uma vida privada.

Nessa mesma época conheceu a senhorita Amélie-Gabrielle Boudet, professora com diploma de primeira classe. Amélie era pequena, muito bem feita de corpo, gentil e graciosa, filha única de pais ricos, inteligente e viva e seu sorriso e dotes atraíram Rivail. Ela também, por sua vez, percebeu as maneiras finas, a grande dignidade, o espírito

amável, franco e comunicativo de Rivail, que encobriam um pensador sábio e profundo.

QUANDO DE DEU O CASAMENTO?

No dia 6 de fevereiro de 1832 e o jovem par instalou-se no Instituto Técnico, na Rua Sèvres, 35. Esse Instituto foi fundado pelo professor Rivail em 1825 e permaneceu até 1834.

Em 1831, Rivail estabelece um “Memorial”, a hierarquia e aristocracia. Este foi aceito e aprovado pela Real Academia de Arras, que o premiou por seu trabalho.

RIVAIL COMO TRADUTOR

Possuidor de notáveis conhecimentos gramaticais e linguísticos, o laborioso pedagogo dedicou-se às traduções feitas em diferentes línguas, dando preferência ao alemão, que sabia falar e escrever tão bem quanto o francês. Entre os livros traduzidos por Rivail figura o famoso livro “Telêmaco”, de Fénelon [1], traduzido para o alemão.

Em fins de janeiro de 1831, o professor Rivail deu mais uma contribuição, publicando sua “Gramática francesa clássica, segundo novo plano”, de 160 páginas. Nessa obra demonstrou “sólidos conhecimentos de diversas línguas mortas e vivas, firmando a sua reputação de professor emérito”.

RIVAIL E A ESPOSA TRABALHANDO JUNTOS

Na p. 127 do 1º vol. de “Allan Kardec”, Zêus Wantuil conta que Rivail e sua esposa Amélie Boudet, em 1832, fundaram e dirigiram, na zona suburbana de Paris, um pequeno pensionato de mocinhas.

Muito fez em prol da instrução das jovens o professor Lévi-Alvarès, colega e amigo de Rivail. Mais tarde publicaram juntos duas obras didáticas.

O AMIGO DOS ALUNOS

“A fonte das qualidades se encontra nas impressões que a criança recebe ao nascer, talvez antes”. (Vartier)

Essa frase foi dita por Rivail em discurso de agradecimento aos seus alunos, que o homenagearam no fim do ano letivo, em que foi lembrada por um dos alunos a vitória do seu “Memorial”, em 1834. Por causa das palavras “talvez antes” muitos biógrafos pensaram que o professor Rivail já estava convencido da reencarnação, mas, com tal expressão, ele se referia ao período de gestação.

Depois de aconselhar às mães os devidos cuidados que importa dar à primeira infância e ensinar que a educação da criança deve preparar-se antes do nascimento, prescrevia para elas o regime durante a gravidez. A respeito dizia Aristóteles:

“A criança se ressent de as impressões da mãe, tanto quanto os frutos se ressentem do solo que os nutre.”

PRIMEIROS PASSOS COMO DIRETOR DA ESCOLA

Em meados de 1825, o professor Rivail começa a dirigir a “Escola de Primeiro Grau”, primeiro estabelecimento de ensino por ele fundado em Paris; lá as crianças recebiam instrução primária, dita “superior”. Não se sabe por quanto tempo essa escola funcionou.

Depois veio a “Instituição Rivail”, também em Paris, fundada e dirigida por Rivail, e seguia o método Pestalozzi, com modificações. Esse era o “Instituto Técnico”, criado em 1826, na Rua Sèvres, 35, modelado no extinto “Instituto de Yverdon”, e permaneceu até 1834, chegando a adquirir certo renome.

Entre as matérias lecionadas incluíam-se os elementos e a história da Literatura francesa, com exercícios de Gramática e de Estilo, Geografia, História antiga e moderna, elementos de Cosmografia.

Rivail, entretanto, não contente com esse programa, introduziu Física e Química entre as disciplinas do seu Instituto.

O QUE ESTAVA NOS PLANOS DE RIVAIL?

Dar aos seus alunos conhecimentos de Anatomia e Fisiologia, adquiridos no Instituto de Yverdon, mas sua casa de ensino cerrou as portas antes disso.

APÓS O FRACASSO DO INSTITUTO

Contando sempre com a compreensão e cooperação da esposa, que sempre o ajudava em seus Institutos, o professor Rivail enfrentou as dificuldades financeiras, empregando-se como contabilista de três casas comerciais, trabalho esse que lhe rendia, segundo Henri Sausse, 7.000 francos por ano.

À noite dedicava-se a elaborar novos livros de ensino, traduções de obras inglesas e alemãs e preparação de todos os cursos que ele, junto com o prof. Lévi-Alvarés, ministravam a alunos de ambos os sexos, no faubourg Saint-Germain.

Além de todo esse labor, organizou e ministrou, de 1835 a 1840, cursos gratuitos em sua casa, de Química, Física, Astronomia, Fisiologia e Anatomia Comparada.

RIVAIL ERA DEDICADO *INSTITUTOR*

A 3 de fevereiro de 1831, foi nomeada pelo Governo uma Comissão para revisar a legislação sobre a instrução pública e preparar um projeto de lei referente à organização geral do Ensino. Rivail não fazia parte daquela Comissão, mas, espontaneamente, ofereceu contribuição sobre o assunto, redigindo um “Memorial” de dezesseis páginas, que foi aprovado. Essa lei ficou conhecida como “Lei Guizot”, pois levou o nome do ministro da Instrução Pública da França, naquela época.

Porém, em 1848, houve um novo regulamento, consagrado na chamada “lei Falloux”. Essa lei veio prejudicar muito o Ensino, as pensões e as instituições laicas de Ensino. Rivail e seus colegas lutaram, mas, desta vez, fracassaram. E Rivail, como tantos outros, afastou-se do Magistério. Essa lei regeu o Ensino primário e secundário desde 1850 até 1860.

POR VOLTA DE 1852 OU 53 - DECADÊNCIA VISUAL

Mesmo que o prof. Rivail quisesse voltar ao Magistério, não seria possível. Nessa época, 1852 mais ou menos, sua capacidade visual caiu sensivelmente: consultando um especialista em olhos, depois de minuciosos exames, o médico diagnosticou: *amaurose*; só lhe restava conformar-se.

Rivail contou mais tarde, na “Revue Spirite”, de 1862, p. 230, que foi à procura de uma “sonâmbula”, que lhe falou garantindo-lhe a cura:

“Em quinze dias sentirás melhoras e, em um mês, começarás a ver e, em dois ou três meses, estarás curado.”

Realmente assim foi, e, até o seu desenlace, sua visão era perfeita. Rivail atribuiu sua cura à referida sonâmbula.

VASTA ERUDIÇÃO POLIMÁTICA

O professor Rivail possuía vasta cultura em vários aspectos; conhecedor profundo das Ciências, só não lecionou Sociologia; possuía grande conhecimento de Anatomia Comparada e de Filosofia.

Poliglota, conhecia bem o alemão, o inglês e o holandês. Também eram sólidos seus conhecimentos do latim e grego, gaulês e algumas línguas neolatinas, nas quais se exprimia corretamente.

Como Pestalozzi, Rivail dava real valor ao Desenho, no que diz respeito ao desenvolvimento da faculdade de percepção.

Graças a Rivail e seu antigo professor Boniface, essa disciplina foi introduzida, pelo seu lado positivo, na Educação das crianças nas escolas primárias da França.

Rivail foi mais além, recomendando o Desenho Geométrico, a Leitura Ponderada, os exercícios práticos de Redação e considerou útil o estudo e o exercício da Música vocal. Aliás, o Canto, desempenhou importante papel no Instituto de Yverdon.

RIVAIL E O TEATRO

Em certa época, Rivail havia confiado certa quantia a um amigo que era diretor de teatro. Consideráveis prejuízos com esse teatro deixaram Rivail em apuros e isso o obrigou a trabalhar como contador nesse mesmo teatro. (Não foi no cargo de inspetor, como afirmaram alguns biógrafos).

Nessa ocasião, Rivail já havia deixado o Magistério e precisava desse emprego. Passava dos 45 anos de idade.

Trabalhava, ao mesmo tempo, como contador em uma livraria católica. Esses dois empregos duraram até 1857, consoante declaração do próprio Rivail.

Segundo ele, só saiu desses empregos depois que os trabalhos da Doutrina Espírita passaram a absorver todo o seu tempo.

MESAS GIRANTES

Em 1854, o magnetizador Sr. Fortier, seu antigo conhecido dos tempos dos estudos de Magnetismo, encontrando-se com Rivail, falou-lhe pela primeira vez nas “mesas girantes”.

Mais tarde, ao elaborar o corpo doutrinário do Espiritismo, em suas observações quanto às “mesas girantes e falantes”, como profundo conhecedor do Magnetismo, Rivail percebeu logo a íntima ligação entre o Espiritismo e o Magnetismo. E afirmou:

“Sua conexão é tal, que é, por assim dizer, impossível falar de um sem falar do outro.”

Deolindo Amorim no seu livro “Allan Kardec”, p. 2, falando dessa afirmativa de Rivail, diz assim:

“Verificou, no entanto, que certo tipo de fenômenos escapa às possibilidades do magnetismo. Daí por diante, forçosamente, teremos de reconhecer a predominância de uma força superior e, ainda mais, inteligente.”

DRAMATURGO E MÉDIUM

Desde 1845 Rivail possuía amigos que eram profissionais de Teatro.

Logo no início dos seus estudos espíritas, conheceu um famoso dramaturgo francês: Victorien Sardou. O encontro se deu na casa do Sr. Roustan, situada na Rua Tiquetone, 14, onde a Srta. Japhet [2] recebia excelentes comunicações mediúnicas. Sardou tornou-se grande amigo de Rivail e, mais tarde, revelava-se médium, através dos desenhos mediúnicos, publicados na “*Revue Spirite*”, de 1858.

CARREIRA MAGISTRAL

De vez em quando, Rivail apunha ao seu nome alguns títulos que ilustraram sua carreira magistral. Os principais eram 12:

- 1º) Diploma de membro residente da Sociedade Gramatical, concedido em 1829;
- 2º) Diploma de membro da Sociedade para Instrução Elementar, expedido em 1847;
- 3º) Diploma de membro fundador da Sociedade de Providência dos Direitos de Instituições e Pensões de Paris, que se constituiu em 1829;
- 4º) Diploma da Sociedade de Educação Nacional, a qual foi organizada em 1º de janeiro de 1831 e cessou de existir em 1843, mas logo renasceu com outro nome em 1847;
- 5º) Diploma do Instituto de Línguas, fundado em 1837;

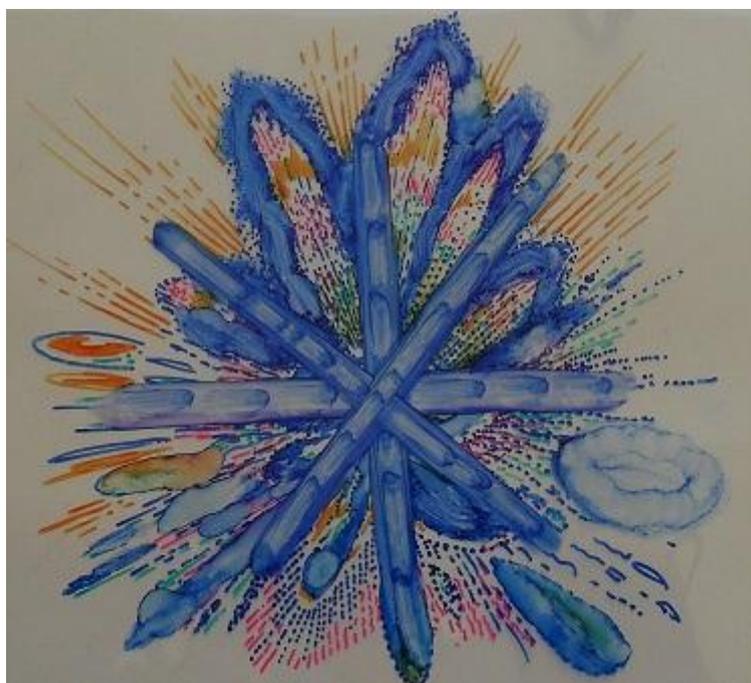
- 6º) Diploma da Sociedade de Ciências Naturais da França, em 1837;
- 7º) Diploma de membro correspondente da Sociedade Real de Incentivo à Agricultura, Ciências, Letras e Artes do Departamento do Ain, outorgado em 1828;
- 8º) Diploma de membro da Sociedade Promotora da Indústria Nacional, fundada em Paris, em 1789 e reorganizada em 1802;
- 9º) Diploma de membro titular da Sociedade Francesa de Estatística Universal, criada em Paris, aos 22 de novembro de 1829;
- 10º) Diploma de membro titular da Academia de Indústria Agrícola, Manufatureira e Comercial, de 26 de dezembro de 1830;
- 11º) Diploma de membro titular do Instituto Histórico, fundado em Paris a 24 de dezembro de 1833;
- 12º) Diploma de membro da Academia de Arras, concedido a Rivail em 1831.

FIM DA PRIMEIRA FASE

Durante trinta anos, de 1829 a 1850, Hippolyte-Léon Denizard Rivail empenhou-se de corpo e alma em instruir e educar as crianças e jovens parisienses segundo o método pestalozziano, com modificações suas.

Aqui termina esta pequena exposição do muito que foi esse grande missionário, que deixou para todos nós o exemplo maravilhoso de uma vida, toda ela dedicada à humanidade.

SEGUNDA PARTE



**O advento do Espírito de Verdade
(Mozart Cataldi do Couto)**

“Se me amais, guardai os Meus Mandamentos; e, eu rogarei a Meu Pai e Ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: o Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê e absolutamente não o conhece. Mas quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará em vós. Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que Meu Pai enviará em Meu Nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito”.

(S. João, cap. XIV, v. 15, 16, 17 e 26)

SEGUNDA FASE

Vamos encontrar, nesta segunda fase, Rivail, um homem culto, de vasta erudição polimática. Viveu no século XIX envolvido com várias doutrinas, que fizeram escola na França. Ficaram fixadas em Rivail três linhas de pensamentos bem definidos: Humanismo, Racionalismo e Universalismo, apesar de não se escravizar a nenhuma delas. Todas as condições reuniu Rivail para ser “missionário” e “codificador”.

Vamos então observá-lo na condição de um verdadeiro “iniciado”, orientado por amigos antigos, que, sem dúvida, foram os encarregados pela Espiritualidade de colocá-lo no devido caminho, para o início da Obra que lhe fora designada pelo Alto.

Na evidência dos fatos, Rivail foi racional, não se deixando levar pelas aparências e pelo entusiasmo. Analisando, perscrutando, raciocinando como sempre fez, em toda sua vida, em relação aos seres humanos. Assim foi que procedeu em relação ao Espiritismo, como declarou ele próprio. Estudando os fenômenos, partiu do real para o abstrato (ou invisível) e levou para o lado filosófico, coisa que nenhum outro foi capaz de perceber. Deduziu as Leis, extraindo delas belas lições científicas e filosóficas.

Compenetrado da Doutrina iniciou a Codificação. Reconheceu, mais tarde, a própria mediunidade, com a ajuda permanente e constante dos Espíritos, como lhe fora prometido por eles, assim declarando em palestra aos espíritas de Bordeaux.

Espíritas! Amai-vos. Este o primeiro ensinamento. Instruí-vos, este o segundo. No Cristianismo se encontram todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram. Eis que do além-túmulo que julgáveis o nada, vozes vos clamam: Irmãos! Nada perece. Jesus Cristo é o vencedor do mal, sede os

vencedores da impiedade. (O Espírito de Verdade, em 1860, no Cap. V – O Evangelho Segundo o Espiritismo).

EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO

Preocupado que estava com a corrupção reinante, o professor Rivail disse o seguinte:

“Não basta se cubra de verniz a corrupção, é indispensável extirpá-la.”

“O princípio do melhoramento está na natureza das crenças, porque estas constituem o móvel das ações e modificam os sentimentos. Também está nas ideias inculcadas desde a infância e que se identificam com o espírito”.

Na opinião de Rivail:

“É pela educação, mais do que pela instrução, que se transformará a Humanidade”.

A respeito desses dois vocábulos, eis como se expressou A. Cochin:

“A instrução é mais especialmente a aprendizagem da ciência, a educação é a aprendizagem da vida”.

O HOMEM HUMANISTA

Aqui vemos a formação moral deste que foi tão bem escolhido pelo Cristo, para trazer ao mundo a magistral obra da Codificação.

ALLAN KARDEC EM SUA ÉPOCA

Deolindo Amorim (do livro Allan Kardec), em que nos lembra que o professor Rivail viveu no século XIX, em uma época em que eram profundas e agitadas as discussões filosóficas, que muito hipertrofiaram o espírito crítico.

Recebeu o professor Rivail uma formação humanística muito propensa ao raciocínio analítico, às controvérsias religiosa e filosófica.

Rivail viveu envolvido com muitas doutrinas que fizeram escola na França, principalmente o Positivismo, o Evolucionismo, o Ecletismo, sem falar no Ceticismo, que invadia fortemente o pensamento da elite.

Dentro do Espiritismo demonstrou ser o positivista, que rejeitava tudo aquilo que não podia ser comprovado.

Sempre constituiu marcante traço de sua personalidade uma outra corrente filosófica: o Racionalismo, como disse Deolindo Amorim, que em Rivail, mesmo antes de se tornar Kardec, encontramos “três linhas de pensamento bem definidas: o Humanismo, o Racionalismo e o Universalismo”.

MESAS “GIRANTES E FALANTES”

Em 1854, o Sr. Fortier foi o primeiro a lhe falar no assunto, mas Rivail refutou, respondendo:

“Eu nada vira, nem observara”.

Sua opinião era de que a possibilidade do efeito era puramente material; a ideia, porém de “mesa falante”, diz Rivail, *“ainda não me entrara na mente”.*

Como estudioso que fora do Magnetismo Animal, desde os 19 anos, admitia que a mesa magnetizada pudesse produzir certos ruídos, mas... falar? Isso já seria demais. Diria:

“Só acreditaria se visse se pudessem provar-me que a mesa possui cérebro para pensar, nervos para sentir e que pudesse tornar-se sonâmbula”.

RIVAIL NA VISÃO DE ANNA BLACKWELL

Escritora inglesa, Anna Blackwell, que o conheceu bem, assim se expressou:

“Homem ativo e tenaz, era precavido até quase a frieza, céptico por natureza e por educação”.

Um missionário e codificador de uma nova Doutrina só poderia ser um homem com as qualidades especiais de Rivail.

RIVAIL COMO RACIONALISTA ESTUDIOSO

Conhecedor profundo das Ciências Exatas, habituou-se a analisar e perscrutar racionalmente, porque, segundo ele mesmo disse:

“Não costumo aceitar ideia alguma, sem lhe conhecer o como e o porquê”.

Foi com esse critério que sempre agiu com os homens, que usou para codificar a nova Ciência (o Espiritismo).

PRIMEIRA EXPERIÊNCIA

No começo de 1855, Rivail encontrou-se com o Sr. Carlotti, amigo de há vinte e cinco anos. Este lhe falou dos fenômenos e da interferência dos Espíritos: foi o primeiro que lhe fez referência aos Espíritos.

Rivail confessou que isso o confundiu, aumentando ainda mais suas dúvidas.

Em maio do mesmo ano foi convidado por outro amigo, Sr. Pâtier, para assistir a uma dessas reuniões. O Sr. Pâtier era funcionário público, de meia idade, muito instruído e seu modo de falar, ajuizado, causou excelente impressão no professor Rivail, que, de imediato, aceitou o convite.

UMA TERÇA-FEIRA DE MAIO DE 1855

Na residência do Sr. Plainemaisson, na Rue Grange-Batelière, 18, às oito horas da noite, juntamente com seu amigo e outros mais, Rivail assistiu, pela primeira vez, o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam de tal forma que ele mesmo afirmou:

“Não deixa margem a nenhuma dúvida”.

Pode observar as respostas inteligentes que, por meio de pancadas, a mesa fornecia; assistiu a alguns ensaios de escrita mediúnica, feita em uma lousa, com o auxílio do primitivo processo da “cesta-de-bico”.

Iniciava-se naquela noite a vida espírita de Hippolyte-Léon Denizard Rivail.

UMA NOVA LEI

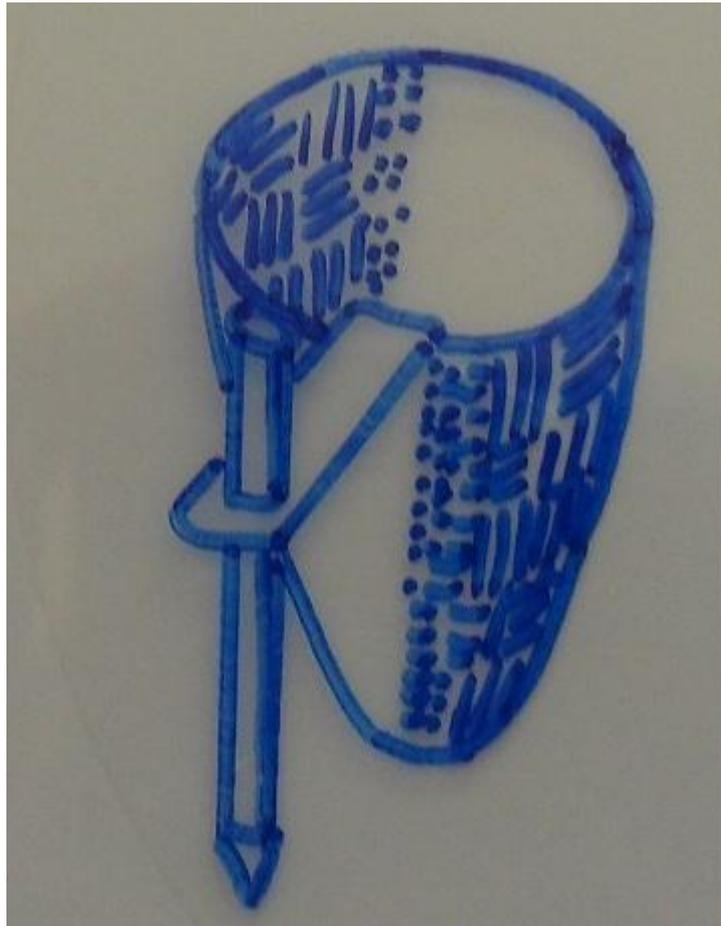
Rivail continuou assistindo às reuniões em 1855, com diferentes médiuns. O professor sentiu, então, que naqueles aparentes passatempos, que muitos faziam daqueles fenômenos, existia algo de muita importância, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei. Tomou então a resolução de investigar o assunto a fundo.

A FAMÍLIA BAUDIN

No ano de 1856 Rivail conheceu a família Baudin. Frequentando as reuniões que lá se realizavam, sentiu que o ambiente era ideal para prosseguir seus estudos.

Ali, na residência do Sr. Baudin, foi iniciado e elaborado, em grande parte, “O Livro dos Espíritos”, conforme disse o próprio Allan Kardec.

A médium era a Srta. Caroline Baudin, uma das filhas mais novas do dono da casa. Médium inteiramente passiva, nunca tinha a menor ideia do que escrevia.



**Cesta-de-bico
(Mozart Cataldi do Couto)**

QUAL ERA O SISTEMA USADO?

O meio mecânico usado para a psicografia, durante muito tempo, foi a “cesta de bico”. Mais tarde a médium se serviu da psicografia direta.

O ROMANCISTA E ATOR DRAMÁTICO

Entre os Espíritos menos evoluídos que se comunicavam através da Srta. Caroline estava o destacado romancista e ator dramático Frédéric Soulié, desencarnado em 1847. Ele identificou-se de mil maneiras, chegando a escrever um conto que foi publicado na “*Revue Spirite*”.

QUAIS FORAM AS CONCLUSÕES

Os Espíritos comunicantes identificavam-se de várias maneiras. Rivail não pôde deixar de admitir que, diante dos fatos, chegara à conclusão de que os Espíritos eram as almas daqueles que haviam vivido na Terra, a causa inteligente dos efeitos inteligentes; daí deduziu as leis que regem esses fenômenos, deles extraindo admiráveis princípios filosóficos e toda uma Doutrina de esperança e consolação para toda a humanidade.

A MISSÃO DE RIVAIL

Aos 30 de abril de 1856, na casa do Sr. Roustan, a médium Srta. Japhet, utilizando-se da “cesta”, transmitiu a Rivail a revelação da missão que teria de desempenhar.

Mais tarde isso foi confirmado, com mais clareza, por outros médiuns.

Seu amigo espiritual, Zéfiro [3], que lhe trouxe tal notícia, revelou também que era seu amigo desde os tempos dos druidas e, desde então, uma amizade os tinha unido através dos séculos.

A REVELAÇÃO DO ESPÍRITO DE VERDADE [4]

Rivail, na sua humildade característica, experimentou dúvidas, do por que teria sido ele o escolhido como missionário-chefe de uma Doutrina que revolucionaria o pensamento científico, filosófico e religioso.

O ESPÍRITO DE VERDADE LHE RESPONDE

“Confirmo o que foi dito, mas recomendo-te descrição, se quiseres sair-te bem. Mais tarde tomarás conhecimento de coisas que te explicarão e que por hora te surpreende. Não esqueças que podes triunfar, como podes falir. Se isto acontecer outro de substituirá, porquanto os desígnios de Deus não se assentam na cabeça de um só homem”.

Como a Virgem Maria, Rivail fez uma prece ao Criador.

A PRECE DE RIVAIL

“Senhor! Pois que te dignaste lançar os olhos sobre mim para cumprimento dos teus desígnios, faça-se a tua vontade! Está nas tuas mãos a minha vida; dispõe do teu servo. Reconheço a minha fraqueza diante de tão grande tarefa; a minha boa vontade não desfalecerá, as forças, porém, talvez me traíam. Supre a minha deficiência; dá-me as forças físicas e morais que me forem necessárias. Ampara-me nos momentos difíceis e, com teu auxílio e dos teus celestes mensageiros, tudo envidarei para corresponder os teus desígnios”.



**o Consolador prometido
(Mozart Cataldi do Couto)**

RESPONSABILIDADE DE MISSIONÁRIO

Rivail conta que um dos primeiros resultados de suas observações foi que, sendo os Espíritos as almas dos homens, não possuíam nem a soberana sabedoria, nem a soberana ciência e que o seu saber era limitado ao grau do próprio adiantamento, assim como suas opiniões só tinham o valor de uma opinião pessoal. Desde o começo reconheceu esta verdade, que lhe evitou o perigo de crer na infalibilidade deles e preservou-o de formular teorias prematuras com base na opinião de um só ou de alguns.

CONTAM OS BIÓGRAFOS QUE...

No início, o professor Rivail quis abandonar as investigações, porquanto não era um entusiasta das manifestações espíritas. Por outro lado, havia também outras preocupações que lhe dificultavam. Só não deixou de frequentar as sessões por atenção aos pedidos dos amigos. Recebeu então das mãos destes mais de cinquenta cadernos para colocar em ordem os assuntos, resultados de perguntas e respostas feitas aos Espíritos através da sonâmbula Srta. Japhet.

Diz André Moreil que Rivail passou a analisar se as respostas ditadas pelos Espíritos por mais de dez médiuns concordavam com as diversas comunicações obtidas pela Srta. Japhet e verificou que, realmente, elas coincidiam umas com as outras.

O professor percebeu, com isso, que tudo isto só podia significar o nascimento de uma nova Doutrina.

É uma pedra angular do Espiritismo o fato de assentar-se na “universalidade e concordância”.

DEOLINDO AMORIM COMENTA

“Houve vários experimentadores que não tiraram nenhuma dedução filosófica dos fenômenos, conquanto

tivessem tido o desassombro de afirmar a veracidade das provas, o que, aliás, é muito mais importante do que parece”.

Rivail, que teve outra formação intelectual, também partiu dos fenômenos, mas assumiu atitude filosófica. (p. 21 do livro Allan Kardec, de Deolindo Amorim).

ASSIM FOI NASCENDO UMA OBRA

As Srtas. Baudin foram as médiuns que mais colaboraram para esse trabalho, sendo quase todo o livro escrito por intermédio delas e na presença de seleta e numerosa assistência.

AMPARADO E AUXILIADO PELOS ESPÍRITOS

Rivail prosseguiu seus estudos orientando-se com os Espíritos, que, como ele disse:

“Para mim, eles foram, do menor ao maior, meios de informar, e não reveladores predestinados”.

A disposição com que sempre Kardec usou em seus estudos jamais esmoreceu: observar, comparar e julgar. Essa a regra que sempre foi usada pelo professor Rivail.

ASSISTIDO PELO ESPÍRITO DE VERDADE

Com assistência direta e indireta de uma plêiade de Espíritos superiores, dirigidos pelo Espírito de Verdade, ele desenvolvia, remodelava, aqui e ali, completando o seu trabalho.

Antes de entregar a obra aos editores, os Espíritos recomendaram uma revisão completa, que foi feita com o concurso mediúnico da Srta. Japhet, em sessões particulares, realizadas na casa do Sr. Roustan, na Rue Tiquetone, 14, em dias e horas predeterminados pelos próprios Espíritos.

A segunda edição, que foi a definitiva, foi melhorada e aumentada com a ajuda de vários médiuns do mundo inteiro. A segunda edição foi publicada em 1861.

18 DE ABRIL DE 1857

Nasceu “O Livro dos Espíritos”. E, com ele, renascia Allan Kardec. Rivail usou esse pseudônimo para assinar a sua nova obra, como precaução tomada com a única finalidade de não gerar confusão, porque seu nome, já consagrado como escritor de obras didáticas, poderia confundir e prejudicar o êxito do novo empreendimento.

POR QUE ALLAN KARDEC?

Como já foi citado, Zéfiro, seu amigo familiar, lhe revelara a antiga encarnação.

Por esses dois motivos, ou seja, o lançamento da primeira obra da Codificação e o renascimento do nome Allan Kardec, a data 18 de abril de 1857 tornou-se duplamente histórica, porque o pseudônimo de que se serviu Rivail era a retomada de um nome que lhe pertenceu no passado e, com ele, passava a identificar o missionário máximo do Espiritismo, nascido no mundo dos homens com o livro divulgador da respectiva filosofia.

OS ADVERSÁRIOS E A CRÍTICA

Não faltou a crítica dos adversários do Espiritismo, que, cegos como estavam, se esqueceram de que o uso de pseudônimo é um direito que possuem os escritores, os artistas e outros mais.

Rivail, já preocupado, tentou uma justificativa através de uma carta enviada a Tiederman, em 27 de outubro de 1857, nos seguintes termos:

“Allan Kardec guarda certa significação que eu podia reivindicar em nome da doutrina. Não tomei esta atitude

sem consultar os espíritos, uma vez que nada faço sem lhes ouvir a opinião, sempre através de vários médiuns. Eles autorizaram e aprovaram”.



**Allan Kardec idoso
(Mozart Cataldi do Couto)**

APÓS 18 ANOS

Dezoito anos após a publicação de *O Livro dos Espíritos*, os inimigos do Espiritismo conseguiram uma oportunidade para atacar publicamente o pseudônimo usado por Rivail. (*vide* publicação resumida na *Revista Reformador*, de dezembro de 1975, pp. 20 e 21).

O FOTÓGRAFO BUGUET-MÉDIUM E FIRMAN O “*PROCÈS DES SPIRITES*”

Cinco anos após a desencarnação de Allan Kardec, a “*Revue Spirite*”, publicou inúmeros artigos sobre fotografias de Espíritos ao lado de pessoas encarnadas, ilustrando os artigos com as respectivas fotografias, feitas pelos referidos fotógrafos.

Uma das fotografias, de Madame Allan Kardec, trazia a imagem do Codificador ostentando uma mensagem em francês, transcrita também na “*Revue Spirite*”.

No ano seguinte, 1875, no dia 16 de junho, quarta-feira, instaurava-se o processo que ficaria célebre: “O Processo dos Espíritos”, movido em Paris, pelo Ministério Público, contra Buguet, Firman e como não podia deixar de ser, Pierre-Gaëtan Leymarie. A viúva de Allan Kardec foi intimada a prestar declarações como testemunha.

O PROTESTO DA VIÚVA RIVAIL

Rivail foi censurado pelo pseudônimo, taxado de bruxo e chegaram a dizer que o nome Allan Kardec fora tirado de um livro de bruxaria. Amélie Boudet foi ridicularizada por haver construído um túmulo para o marido com um nome que não lhe pertencia.

O fato é que, despejando sobre eles todas aquelas censuras, não a deixaram falar mandando que ela se sentasse.

Após tudo isso Madame Rivail publicou um protesto por tudo, pedindo para ser ouvida em outra audiência, porque

desejava falar, defender o marido, justificar a atitude de ambos, especialmente sobre o túmulo que foi homenagem de amigos, homens cultos e ilustres.

Ao adotar o pseudônimo, o professor Rivail deu valioso testemunho, não somente de fé, mas igualmente de humildade, pois seu nome civil era dos mais conceituados e ilustres da França. Ele não precisaria ocultar-se por trás de um pseudônimo a não ser como foi, por razões muito nobres.

ENCONTRO COM O ESPÍRITO DE VERDADE

Isto se deu a 25 de março de 1856. Esse Espírito, Guia de Kardec, prometeu-lhe proteção e ajuda, sempre assistindo-o, quer “diretamente”, através dos médiuns, quer pelo “pensamento”, forma essa que se tornou, mais tarde, a “única”. (vide Obras Póstumas – A. Kardec. Nota de F. Thiesen).

ALLAN KARDEC, MÉDIUN INSPIRADO

Não há como duvidar, segundo o que claramente nos falam estas frases publicadas em Obras Póstumas, coletânea dos escritos do próprio Kardec, revelando a promessa do seu Guia, “A Verdade”, que sempre o assistiu, quer “diretamente”, através dos médiuns, quer pelo “pensamento”, forma esta que se tornou mais tarde a única.

MAIS ESTA DECLARAÇÃO DE UM ESPÍRITO

“Nossa ação, principalmente a do Espírito de Verdade é constante ao teu derredor, e tal que não podes negar”.
(Obras Póstumas)- Nota – F. Thiesen.

Comentários: A prova disto está nas pancadas ouvidas por Kardec, pelos erros cometidos no texto que elaborava. No dia seguinte, em reunião, perguntou o motivo do fenômeno, ao que o Espírito de Verdade declarou:

Não gostei do que escrevias. Lê da 3ª à 30ª linha e encontrarás um grave erro.

Moreil chega a dizer em sua biografia que Kardec era médium inspirado, ouvinte e intuitivo.

AJUDA CONTÍNUA

Kardec declarou aos espíritas de Bordeaux que, em sua missão, a ajuda dos Espíritos foi contínua, tal como lhes prometeram várias vezes, embora sem nenhum sinal “exterior” de mediunidade.

TERCEIRA PARTE

TERCEIRA FASE

Vimos nas primeiras duas partes, Rivail como o homem de letras e ciências, o poliglota, positivista, racionalista e humanista, o pedagogo, que dedicou sua juventude a bem dos jovens e crianças da França, com o único desejo de instruir, facilitando, de todas as formas, o aprendizado; escrevendo obras pedagógicas; remodelando o Ensino; procurando favorecer, através de métodos práticos de fácil assimilação; lecionando até gratuitamente; tudo realizando em favor dos semelhantes apenas por amor ao próximo, almejando o melhor para o futuro da humanidade. Estava ele agora codificando uma Doutrina, ouvindo conselhos através dos guias, por intermédio de vários médiuns, com a assessoria do Espírito de Verdade, o maior responsável pelo cumprimento e realização da obra para a qual Rivail fora o escolhido para cumprir; apesar da difícil e espinhosa a missão, não recuou, confiante na proteção de Deus e dos Espíritos.

Assim prosseguiu. Sendo informado de que em uma encarnação passada, fora um druida e que seu nome era, na época, Allan Kardec, retomou-o como pseudônimo para assinar suas obras espíritas.

Por várias vezes ele disse:

“O Espiritismo é a obra da minha vida e nele trabalharei até o meu último dia.”

E assim aconteceu.

AÇÃO CONSTANTE DOS ESPÍRITOS

Disseram-lhe os Espíritos:

“Nossa ação, principalmente a do Espírito de Verdade, é constante ao teu redor, e tal que não a podes negar”.

SÉGUR, 09 DE AGOSTO DE 1868

Estava Kardec elaborando O Evangelho Segundo o Espiritismo, quando disse:

“Eu a ninguém dera ciência do assunto do livro em que estava trabalhando. Conservara-lhe de tal modo em segredo o título, que o editor Sr. Didier, só o conheceu quando da impressão”.

Em reunião mediúnica perguntou ao Guia do médium Sr. D’A:

- *Que pensais da nova obra em que trabalho?*

Observem pela resposta o quanto realmente eles atuavam e assistiam os trabalhos de Kardec. Resposta:

“Esse livro de Doutrina terá considerável influência, pois que explana questões capitais e não só o mundo religioso encontrará nele as máximas que lhes são necessárias, como também a vida prática das nações haurirá dele instruções excelentes”. (Obras Póstumas, p. 276)

HÁ DUAS PARTES NO ESPIRITISMO

Rivail recebeu dos Espíritos a seguinte orientação:

“Há duas partes no Espiritismo: a dos fatos materiais e a de suas consequências morais. A primeira é necessária como prova da existência dos Espíritos; assim foi por ela que os Espíritos começaram; a segunda, que ela decorre; é a única que pode levar à transformação da humanidade pelo melhoramento individual. O melhoramento é, pois, o objetivo essencial do Espiritismo. E para ele que deve tender todo espírita sério”. (pp. 240 - Vol II - Allan Kardec, de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen).

EM CASA DO SR. ROUSTAN

A 7 de maio de 1856, em casa do Sr. Roustan, como sempre, e por intermédio da Srta. Japhet, Rivail interrogou o Espírito Hahhemenn:

“- Há poucos dias atrás, fiquei sabendo por informações de outros Espíritos, (em médiuns diversos), que tenho importante missão a cumprir, mas não indicaram o objeto. Gostaria de saber se confirmas”.

A resposta de Hahhemann foi a seguinte:

“- Sim e, se observares a tuas aspirações e tendências e o objeto quase constante das tuas meditações, não te surpreenderás com o que te foi dito. Tens que cumprir aquilo com que sonhas desde longo tempo. É preciso que nisso trabalhes ativamente, para estares pronto, pois mais próximo do que pensas vem o dia”.

Pergunta Kardec:

– Para desempenhar essa missão tal como a concebo, são-me necessários meios de execução que ainda não se acham ao meu alcance?

Responde Hahhemann:

– Deixa que a providência faça a sua obra e serás satisfeito. (in Obras Póstumas, p. 249).

PROPAGAÇÃO DA VERDADE

Rivail desejava contribuir para a propagação da Verdade, mas, do papel de simples trabalhador a missionário-chefe, a distância era grande, segundo ele, e mal podia entender por que fora o escolhido para tão elevado encargo. Através da médium Srta. Alice Carlotti, em comunicação do Espírito de Verdade, a 12 de junho de 1856, Rivail recebeu a confirmação da sua missão e as primeiras instruções: que tivesse discrição quanto ao assunto e que, no cumprimento da obra, estaria justificada a sua missão.

“Para agradar a Deus é necessário em primeiro lugar, ser humilde, modesto e desinteressado, pois Deus rebaixa os orgulhosos e presumidos. Para lutar contra aos homens, é preciso ter coragem, perseverança e firmeza inquebrantável; é necessário também presumir tato e prudência”.

Rivail teria que estar disposto a passar por todos os sacrifícios. Estava então a missão de Rivail dependente dele. Se ele falhasse, Deus colocaria outro em seu lugar, porque a Obra não pararia.

CONSIDERAÇÕES

Insistimos no assunto, primeiro para que fosse observada a parte referente à escolha de Rivail como missionário, e, depois, para que fosse analisado o que diz respeito à sua humildade. E, finalmente, para destacar o ponto mais importante: Rivail (ou Kardec) teria que enfrentar a descrença e a revolta dos homens, principalmente dos incrédulos contra a Doutrina e contra ele próprio. Toda a sorte de calúnias, obstáculos, injustiças e dificuldades, incompreensão e traição, até mesmo de muitos que se diziam espíritas.

E tudo aconteceu, conforme confirmou o próprio Kardec dez anos depois.

Estava incluído em sua missão: além de codificar a Doutrina, teria que escrever o conteúdo de suas pesquisas doutrinárias e publicá-las, mas não ficaria apenas nisso, não seria publicar um, dois ou dez livros: teria que propagar e divulgar a Doutrina, defendê-la sempre que necessário, além de viagens que deveria empreender para a propagação e engrandecimento da obra. Rivail aceitou e humildemente elevou uma prece de submissão a Deus.

SUA TAREFA NA CODIFICAÇÃO NÃO FOI FÁCIL, COMO PARECE

No terceiro volume do livro Allan Kardec, Francisco Thiesen nos mostra o seguinte, nas pp. 77 e 78: quando dialogava com o Espírito Zéfiro, mediunicamente, em casa do Sr. Baudin, as perguntas formuladas por Rivail eram quase todas de molde a revelar um principiante nas questões do mundo dos Espíritos.

Há uma nota do missionário dizendo o seguinte:

“Vê-se, por estas perguntas, que eu era ainda muito noviço acerca das coisas do mundo espiritual”.

APRENDIZADO COMPLETO

Quemos com o texto acima mostrar que a tarefa foi de luta em que Kardec teve que submeter-se a um aprendizado completo, duro, demorado, começando do princípio.

Nas questões acadêmicas ou humanísticas foi o que se pode chamar de um sábio, mas, mesmo assim, teve que perlustrar as trilhas de um verdadeiro “iniciado”.

Se “aprender é recordar”, Kardec, que muito sabia, de outras vidas, muito teve para recordar, aprendendo depressa.

1858

Um ano após a publicação de O Livro dos Espíritos, Kardec sentiu a necessidade de editar um jornal espírita, mas sua situação financeira não favorecia tal empreendimento. Apelou para o Sr. Tiedeman-Manthèse, seu amigo e dos espíritas, mas ele pareceu receoso de dar seu concurso.

Falando ao Amigo Espiritual, através da médium Srta. Ermance Durfaux, em casa da mesma, o Espírito aprovou a ideia, dizendo que era muito boa e que agisse com ou sem o auxílio do Sr. Tiedeman.

Kardec possuía dois empregos na época e não podia deixá-los, apesar de que era esse o seu desejo, para melhor consagrar-se à sua tarefa, mas o Espírito disse-lhe:

– *“Por enquanto não debes abandonar coisa alguma”.*

Nota: sua esposa, Amélie Boudet, muito o incentivou tanto para a publicação de O Livro dos Espíritos, como também para editar o jornal e fundar a Sociedade Espírita de Paris. O jornal, mais tarde, passou a ser a *“Revue Spirite”*.

Assim foi que, a 1º de janeiro de 1858, circulou o primeiro número e, a 1º de abril do mesmo ano, foi fundada a Sociedade Espírita.

REUNIÕES EM CASA DE KARDEC

Após esses eventos, que tantos benefícios causaram à Doutrina e a Kardec, seis meses depois, realizava reuniões mediúnicas em sua casa, na Rue des Martires, 8, às terças-feiras, com alguns adeptos. A médium principal era a Srta. Ermance Dufaux. Apesar de pequeno o local, as reuniões eram bem frequentadas por número regular de pessoas.

Conta Kardec que altas personagens, e até príncipes estrangeiros, estiveram presentes às reuniões, pelo caráter sério de que se revestiam e pelas questões que ali se tratavam.

Kardec deixou como divisa no seu jornal espírita a célebre frase:

“Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. O poder da causa inteligente está na razão da magnitude do efeito”.

PREMONIÇÃO DE KARDEC

Quando em agradecimento à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, em 1859, Kardec teve uma exatíssima premonição: indicava que seus trabalhos na Sociedade teriam a duração de dez anos. Terminando sua obra, faleceu realmente dez anos após a premonição.

VIAGENS ESPÍRITAS

Desde 1860 até 1867, Allan Kardec empreendeu várias viagens espíritas por mais de vinte cidades da França. Essas viagens, ele sempre fazia por ocasião das férias da Sociedade Espírita de Paris. Em 1864, visitou os espíritas de Bruxelas e

Antuérpia, na Bélgica. Ainda em 1864, foi a Berna, na Suíça. Em 1867 fez sua última viagem.

Kardec deixou de viajar talvez por falta de tempo ou de oportunidade, sendo desconhecido qualquer registro nesse sentido.

Nessas viagens Kardec fazia divulgação da Doutrina, visitando, falando em várias entidades espíritas, ensinando, orientando e esclarecendo os espíritas por onde passava.

AUTO-DE-FÉ EM BARCELONA 09 DE OUTUBRO DE 1861

Aconteceu em Barcelona a queima de trezentas obras espíritas, enviadas por Kardec a pedido de Maurice Lachâtre. Entre eles: O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O que é Espiritismo, Revista Espírita, todos de Allan Kardec, e mais outras obras de autores diversos, que completavam a quantidade citada.

ESTOU RECORDANDO ESTE FATO PARA RESSALTAR A LIÇÃO

Precisamente nove meses após o auto-de-fé de Barcelona, que fora seguido por outro, na cidade de Alicante, desencarnou aos 09 de julho de 1862, o Dr. Antonio Palau y Termens, o bispo que tentara consumir pelo fogo o ideal espírita.

Dias depois de sua morte, esse referido bispo se manifestava espontânea e inesperadamente por um dos médiuns da Sociedade Espírita. Deixou transparecer seu sofrimento e, por fim, pediu que orassem por ele porque “é agradável a Deus a oração e Ele dirigida daquele que é perseguido a bem do perseguidor”.

A VOLTA DE KARDEC

A partir de 1857, Allan Kardec começou a receber recados falando de sua volta ao mundo dos Espíritos, preparando-o para uma nova reencarnação.

Em 24 de janeiro de 1860, em casa do Sr. Forbes, recebeu informações sobre a duração dos trabalhos, que, certamente, dentro de dez anos deveriam concluir-se.

Esses recados foram dados por Zéfiro, tanto o primeiro como o segundo. Entretanto, Kardec surpreendera-se com uma mensagem vinda de Limoges dizendo: “em relação aos trabalhos encetados, que dez anos se passariam antes que ele os terminasse”. O médium era o Sr. Dehau na cidade de Limoges.

PUBLICAÇÕES DE KARDEC

Em 1866, Kardec informa que tem quatro substanciosos volumes publicados sem falar das coisas acessórias e que os espíritas insistiam para que ele publicasse A Gênese, que ocorreu em 1867.

NOVO DIÁLOGO COM O ESPÍRITO DE VERDADE

Aos 10 de junho de 1860, a Srta. Schimdt, na residência de Allan Kardec, intermedeia novo diálogo com o Espírito de Verdade. Num determinado ponto diz o Espírito:

“Ele (o teu caminho) está juncado de espinhos, mas eu te afirmo que terás grandes satisfações, antes de voltares para junto de nós “por um pouco”.

– Que queres dizer põe essas palavras “por um pouco”?

O Espírito de Verdade respondeu a Kardec:

“Não permanecerás longo tempo entre nós. Terás de volver à Terra para concluir a tua missão, que não podes terminar nesta existência”.

A última mensagem da série, de 04 de julho de 1868, (Meus trabalhos pessoais. Conselhos diversos), que não está

com a assinatura em Obras Póstumas, foi ditada em Paris, ao médium Sr. D... por Didier.

Nessas mensagens, Kardec estava sendo preparado para sua desencarnação.

SUCCESSOR DE KARDEC

Em 1865, Allan Kardec já estava preocupado, aguardando o seu sucessor, mas os Guias nunca declararam se havia substituto designado.

Em 1866, (“*Revue Spirite*”, p. 111) fora publicado o que figuraria mais tarde em “Obras Póstumas”. Allan Kardec declarava, já naquele ano que:

“A nossa obra pessoal se aproxima do seu termo, as necessidades já não são mais as mesmas”.

Estes trechos F. Thiesen reproduziu de Obras Póstumas.

O PRIMEIRO PERÍODO

O primeiro período do Espiritismo foi consagrado ao estudo dos princípios e das leis, que em seu conjunto tinham de constituir a Doutrina, numa palavra, a preparar os materiais, ao mesmo tempo em que a vulgarização da ideia. Foi o período do plantio da semente, que, semelhante à parábola do Evangelho, não frutificaria igualmente em toda parte.

O Espírito de Verdade prevenira Kardec de que, no desempenho de sua missão, tombaria enfermo por mais de uma vez, motivado pelo cansaço da luta que empreenderia. Assim aconteceu: Kardec esteve enfermo em fevereiro de 1865, com um reumatismo interno, que lhe atacou o coração, sendo tratado pelo Dr. Demeure. A segunda vez foi no mês de abril de 1866, quando foi acometido de uma enfermidade que lhe provocava grande sonolência. Foi quando em sonho teve a premonição de que a borracha seria transformada em roda para transportar veículos.

Contam os biógrafos que Kardec, quando em visita dos amigos em sua casa, era alegre e descontraído sorria e fazia sorrir os demais com seu falar espirituoso e construtivas brincadeiras, onde sempre saía um fraseado gaulês.

MAS ELE TAMBÉM SABIA CHORAR

Alexandre Delanne (pai de Gabriel Delanne) conta por carta enviada de Rouvray, aos 30 de março de 1870, que:

“Ninguém saberia, melhor que ele, reconhecer as raras qualidades de Allan Kardec e render-lhe a devida justiça”.

Conta Delanne, que em várias viagens feitas por ele, observou como Kardec era querido e estimado por todos e que o amavam como verdadeiro pai.

Fala também das caridades feitas por Kardec, que particularmente pode assistir, como ao levar um amigo, em casa de Kardec, Sr. P. de Joinville, este contou-lhe das dificuldades que passava um de seus compatriotas, homem já idoso, não tendo calçados e nem sequer um agasalho para proteger o corpo, mas não reclamava. (Uma brochura espírita que lhe caíra sobre os olhos, permitira-lhe beber na Doutrina a resignação para as suas provas e a esperança de melhor futuro). Viu, então, rolar dos olhos de Allan Kardec, uma lágrima de compaixão, confiando ao amigo de Alexandre Delanne algumas moedas de ouro para um socorro imediato e prometeu, já que ele era espírita, enviar-lhe também algumas brochuras da Doutrina. Mas, segundo Delanne, Kardec assim procedeu com outros também, não espíritas. Porém nunca soube a mão esquerda o que dava a direita. (Allan Kardec, vol. III – p. 136 – Francisco Thiesen).

“Deixa que a providência faça a sua obra e serás satisfeito”, e assim foi: Kardec amou tanto sua missão que, por várias vezes, afirmou:

“O Espiritismo é a obra da minha vida e nela trabalharei até o meu último dia.”,

e assim aconteceu.

A DESENCARNAÇÃO

Aos 31 de março de 1869, em Paris, com a idade de 65 incompletos, estava Allan Kardec ultimando os preparativos para a mudança de residência, quando, entre 11:00 e 12:00 h, ao atender um caixeiro da livraria, caiu pesadamente ao solo, fulminado pela ruptura de um aneurisma.

Ao meio dia do dia dois de abril de 1869, uma simples fossa no cemitério Montmatre, o mais antigo da cidade, recebeu o caixão com os despojos de Allan Kardec.

Em nome da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, fundada e dirigida por Kardec, discursou junto à cova aberta, seu vice-presidente, Sr. Levent. Relembra no final do discurso as palavras de Kardec:

“Nada é inútil na natureza; tudo tem a sua razão de ser, e o que Deus faz é sempre bem feito”.

Depois discursou Camille Flammarion, deixando em seu discurso uma frase que se tornou célebre:

“Ele era o que eu denominei simplesmente o bom senso encarnado”.

Todo o contexto do discurso de Flammarion marcou profundamente os espíritos.

Após Flammarion, falaram Alexandre Delanne e E.Muller. O Sr. A. Delanne falou em nome das Sociedades Espíritas da França e do estrangeiro, que agradeceu ao “pioneiro emérito”.

O Sr. E. Muller, quarto e último orador, falou em nome da viúva, da que lhe foi companheira fiel e ditosa durante trinta e sete anos.

Vários jornais parisienses e de outras cidades da França e do estrangeiro noticiaram a desencarnação de Allan Kardec.

UMA ESTRANHA COINCIDÊNCIA

A morte de Allan Kardec trouxe também o fim da Sociedade formada por ele. O local abandonado, sem móveis, nada mais restava de um passado que devia renascer em bases novas”.

COMUNICAÇÕES DE KARDEC, INSTRUÇÕES

O repentino desaparecimento de Kardec deixou os discípulos desconsolados e desorientados. Importava que o Espírito Allan Kardec voltasse, pelo menos durante algum tempo, a confabular com eles, animando-os, aconselhando-os e instruindo-os. De fato, isso aconteceu.

Na “*Revue Spirite*”, de 1869, pp. 157 a 159, foram reunidos, numa única comunicação, os ensinamentos de interesse geral, transmitidos pelo Espírito Allan Kardec, a vários médiuns da Sociedade Espírita de Paris no decorrer do mês de abril.

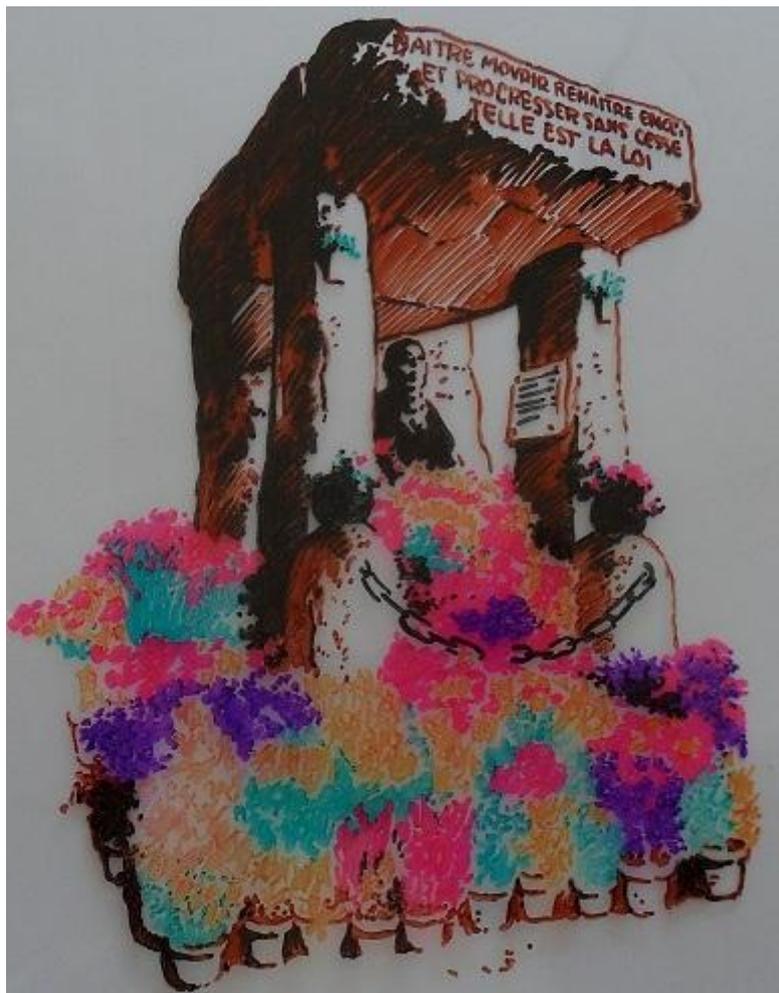
Houve mais sete comunicações de Kardec, na Sociedade Espírita de Paris, por vários médiuns.

Na sessão de 30 de abril, nova mensagem de Kardec dava vários conselhos sobre o caminho a seguir e lembrava que o exemplo é o mais poderoso agente de propaganda do Espiritismo.

Seguiram-se outras: dia 20 de julho de 1869, dia 17 de agosto de 1869, dia 14 de setembro de 1869 (esta foi em torno do Espiritismo e a Literatura Contemporânea) e outra em 4 de outubro de 1869, em Paris, através da médium inglesa, Miss Anna Blackwell.

Aos 21 de setembro de 1869, o mestre fez uma dissertação acerca da comemoração de datas de aniversários (“*Revue Spirite*”, p. 338). Em novembro de 1869, fala sobre os “desertores” em expressivas mensagens (“*Revue Spirite*”, p. 358), também publicadas em Obras Póstumas.

Posteriormente, foram dadas outras instruções pelo Espírito Allan Kardec. Os que o conheceram na Terra tiveram assim a confirmação de que a vida continua.



**Dólmen de Allan Kardec
(Mozart Cataldi do Couto)**

DÓLMEN DE KARDEC

Na primeira reunião da Sociedade Espírita de Paris, após as exéquias de Allan Kardec, os membros presentes emitiram a ideia de se levantar um monumento que fosse testemunha da simpatia e reconhecimento dos espíritas em geral. Essa ideia ganhou vulto e, em pouco tempo, grande número de correligionários da França e outros países europeus aderiram a ela. De comum acordo com Madame Allan Kardec, seria levantado um monumento que lhe recordasse o pseudônimo gaulês: Allan Kardec.

Foi projetada a construção de um dólmen, que, no fundo, figurasse simplicidade, universalidade e eternidade. Madame Allan Kardec confiou a uma Comissão a direção dos trabalhos.

Escolheu-se um terreno no Cemitério Père-Lachaise (administrativamente conhecido por Cemitério do Leste)

Já quase terminados os trabalhos da construção, procedeu-se, em 29 de março, à exumação dos despojos mortais de Allan Kardec e sua transferência para a nova morada.

No dia 31 de março de 1870, mais ou menos às duas horas da tarde, os espíritas inauguraram o monumento dolmênico.

Houve vários discursos por parte dos amigos de Kardec e a presença de muitos espíritas.

DESCRIÇÃO DO MONUMENTO DRUÍDICO

O dólmen de Kardec, simples e severo em suas linhas, é constituído de três moles de granito bruto em posição vertical (esteios), sendo duas pilastras na frente de uma laje atrás, sobre as quais repousa uma quarta pedra tubular (mesa ou chapéu) em suave declive para trás, de modo a delimitarem todas elas, um espaço (câmara), de cujo centro se eleva um pedestal quadrangular, em granito liso, no topo do qual está colocada a herma, em bronze de Allan Kardec;

lateralmente, à direita acha-se a assinatura do escultor, e, entre parênteses, o ano de 1870. Na face dianteira do referido pedestal, leem-se as seguintes inscrições espiritualistas:

“NASCER, MORRER, RENASCER AINDA E PROGREDIR SEM CESSAR, TAL É A LEI”.

LEMBRETES

Não seria possível encerrar esta pesquisa sobre Allan Kardec, este grande filósofo homem de Ciências e Letras, sem deixar como recordação alguns tópicos filosóficos e importantes da Doutrina, extraídos de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”.

JUSTIÇA

“As vicissitudes da vida derivam de uma causa e como é Deus justo, justa há de ser essa causa”.

O ESPIRITISMO

“O espiritismo é de ordem divina, pois que se assenta nas próprias leis da Natureza e estais certos de que tudo o que é de ordem divina tem grande e útil objetivo”.

O VERDADEIRO ESPÍRITA

“Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más”.

DAS MANIFESTAÇÕES

“Muitos, entretanto, dos que acreditam nos fatos das manifestações, não lhes apreendem as consequências, nem o

alcance moral, ou, se os apreendem, não os aplicam a si mesmos”.

REFERINDO-SE AOS ENSINAMENTOS DOS ESPÍRITOS

“As instruções que promanam dos espíritos são verdadeiramente as vozes do céu que vem esclarecer os homens e convidá-los à prática do Evangelho”.

A FÉ

“F é inabalável só é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da humanidade”.

DA CIÊNCIA E DA RELIGIÃO

“A ciência e a Religião são as alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e a outra as do mundo moral, tendo, no entanto, umas e outras o mesmo princípio: Deus, razão porque não podem contradizer-se”.

QUARTA PARTE



**Amélie-Gabrielle Boudet
(Mozart Cataldi do Couto)**

FALEMOS UM POUCO SOBRE A VIÚVA DE RIVAIL

O “Anuário Espírita” e o “Reformador” de fevereiro, ambos de 1983, prestaram homenagens a Amélie-Gabrielle Boudet, pela comemoração do centenário de sua desencarnação, a 21 de janeiro de 1883, publicando sua biografia. Vale a pena falar algo sobre essa extraordinária mulher.

Cerca de dois meses após o decesso de Allan Kardec, sua viúva, Amélie-Gabrielle Boudet, no desejo de contribuir para a realização dos planos futuros que Kardec tivera em mente e como única proprietária legal das obras, revistas e livraria, houve por bem, no interesse da Doutrina, conceber todos os anos certa verba para uma caixa geral do Espiritismo.

Sábias decisões foram por ela tomadas no sentido de salvaguardar a propaganda do Espiritismo.

Apesar de sua idade avançada, Madame Allan Kardec fazia questão de tudo gerir pessoalmente.

Esta extraordinária mulher tudo fez para continuar o trabalho que Allan Kardec idealizou e não pode completar.

Amélie Boudet e alguns discípulos de Kardec conseguiram, após cuidadosos estudos, feitos conjuntamente, fundar a “Sociedade Anônima do Espiritismo”, destinada à vulgarização do Espiritismo por todos os meios permitidos pela lei. Graças ao devotamento sem limites desta grande mulher, o Espiritismo cresceu a passos de gigante, não só na França, como no mundo inteiro.

São incontáveis os trabalhos de Madame Kardec referentes à Doutrina Espírita.

Sem dúvida, nós, espíritas, muito devemos a Amélie Boudet e estamos de acordo com o que acertadamente escreveu Samuel Smiles:

“Os supremos atos da mulher geralmente permanecem ignorados, não saem à luz da admiração do mundo, porque são feitos na vida privada, longe dos olhos do público, pelo único amor ao bem”.

Amélie Gabrielle Boudet nasceu aos 21 de novembro de 1795 e desencarnou aos 21 de janeiro de 1883. Contava 87 anos.

HOMENAGENS

Vários discursos foram proferidos, destacando as nobres qualidades de Amélie Boudet.

Referindo-se à inolvidável companheira do codificador, o Sr. Humbert Forestier, dirigentes de mais de um quarto de século da ‘Revue Spirite’, assim se pronunciou:

“De igual grandeza de alma, a esposa foi digna do esposo. Ela também prestou relevantes serviços à causa espírita, à causa que objetiva elevar o homem acima das torpezas, das vaidades e das misérias”.

Após toda a cerimônia dos funerais, no dia 23 de janeiro de 1883, Amélie-Gabrielle Boudet, teve seus restos mortais sepultados no mesmo dólmen do esposo Allan Kardec.

NOTAS

[1] Fénelon (Francisco de Salignac de La Mothe) – 1651 -1715 – ilustre prelado francês, arcebispo de Cambrai. Foi preceptor do duque de Borgonha, neto de Luís XIV, para quem compôs o seu célebre “Telêmaco”. Escreveu várias outras obras familiares a Allan Kardec, que admirava e respeitava imensamente o autor.

Fénelon viria a desempenhar importante papel entre a plêiade de Espíritos encarregados de dar corpo doutrinário ao Espiritismo (nota do tradutor Wallace Leal V. Rodrigues, p. 25 do livro de Allan Kardec intitulado “Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas”, 5ª. ed., 1978, Casa Editora O Clarim, Matão)

[2] A Homeopatia é uma doutrina médica devido a Cristiano Frederico Samuel Hahnemann, alemão, nascido na cidade de Meissen, na Saxônia, em 11 de abril de 1755.

Nas plagas germânicas cresceu, desenvolveu-se, estudou e formou-se em Medicina. Em Erlangen, defendeu sua tese de doutoramento aos 10 de agosto de 1779.

Este foi o Guia da Srta. Japhet, um dos luminares que ajudou Kardec na codificação da Doutrina Espírita.

Foi um dos primeiros a falar na missão de Kardec (*vide* p. 7 de um pequeno livro, editado pela FEB, intitulado “Homeopatia e Espiritismo”, de Lauro S. Thiago)

[3] Zéfiro:

Zéfiro não era um Espírito superior, porém muito bom e muito benfazejo. Talvez fosse mais adiantado do que o deixava supor o nome que tomara. Zéfiro quer dizer “onde sopram os ventos”. Legitimavam essa suposição o caráter sério e a sabedoria de suas comunicações, conforme as circunstâncias. Sob a capa daquele nome, ele se permitia usar de uma linguagem familiar apropriada ao meio onde se manifestava e dizer, como frequentemente sucedia, duras verdades, sob a forma leve do epigrama.

(Dados extraídos do livro “Obras Póstumas”, de Allan Kardec, p. 292, 26ª. ed., FEB, tradução de Guillon Ribeiro da 1ª. ed. francesa, Paris, 1890)

[4] No livro “Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas”, de Allan Kardec, consta na p. 86, sobre o Espírito “A Verdade”:

- Tendo eu interrogado esse Espírito, ele se deu a conhecer sob um nome alegórico (eu soube depois, por outros Espíritos, que fora o de um ilustre filósofo da antiguidade). () Deu-me úteis e sábios conselhos, e acrescentou que estaria sempre comigo e atenderia ao meu apelo todas as vezes que eu necessitasse interrogá-lo etc.

(Esse livro veio a lume no ano de 1858. Sua edição foi esgotada e substituída por “O Livro dos Médiuns”).

BIBLIOGRAFIA

- Alvez Godoy, Paulo - Anuário Espírita, 1983, FEB.

- Amorim, Deolindo - Allan Kardec, 3ª ed., Instituto Maria e Instituto de Cultura Espírita de Juiz de Fora - MG.
- Kardec, Allan - O Evangelho Segundo o Espiritismo, FEB.
- Kardec, Allan - O Livro dos Espíritos – FEB.
- Kardec, Allan - Obras Póstumas, FEB.
- Kardec, Allan - O que é o Espiritismo, FEB.
- Kardec, Allan - Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas, Casa Editora O Clarim, 5ª. ed., 1978.
- Lello – Novo Dicionário Ilustrado da língua Portuguesa.
- Moreil, André - Vida e Obra de Allan Kardec.
- Nascentes, Antenor - Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa.
- Grande Biblioteca Básica Colegial.
- Reformador - Revista, fevereiro/1983, FEB.
- Sausse, Henri - Biografia de Allan Kardec, 2ª ed., 1975.
- Sausse, Henri - Biografia de Allan Kardec, 20ª ed., 1977.
- Silva, Joaquim e Damasco Penna, J. B. - História Geral.
- Thiago, Lauro S. – Homeopatia e Espiritismo, FEB.
- Wantuil, Zêus e Thiesen, Francisco Allan Kardec – Allan Kardec, FEB, 1980.
- Wantuil, Zêus - Grandes Espíritas do Brasil, FEB, 2ª ed., 1981, Homenagem especial a Allan Kardec.